

## EU TE ODEIO MALDITO "CRUZEIRO"

Juan NASCIMENTO<sup>1</sup>

**Recebido:** 02/04/2024

**Aprovado:** 07/04/2024

Sim, eu vim de lá. E realmente era muito pequeno. Eu tinha por volta dos meus oito anos. Mas... desses cinquenta dias eu nunca me esqueço!

Foram cinquenta, cinquenta dias até uma tal de São Sebastião do Rio de Janeiro.

E você que me escuta deve achar que eu tive as melhores férias nas praias da tal São Sebastião do Rio de Janeiro e, por isso, eu nunca me esqueço.

Foram cinquenta, cinquenta dias navegando. Eu poderia até dizer que fiz um cruzeiro, pois eu atravessei o Oceano Atlântico até o Rio de Janeiro.

Eu poderia mentir, te enganar e dizer que foi uma viagem tranquila, com poucas turbulências. Ah, mas eu não posso. Não posso! Essa viagem teve para todos iguais a mim, pretos, requintes de qualquer pior pesadelo que alguém já teve.

Ora!! Em um lugar que comportava menos de duzentos passageiros, havia em torno de uns seiscentos. Seiscentas pessoas que não tinham um minuto de sossego.

Era aperto!

Era cansaço!

Era calor!

E por mais que estivéssemos rodeados de água, água era apenas para aqueles da outra cor.

E ao longo da viagem, tudo isso se triplicava.

O cansaço.

A sede.

A fome.

Tudo que era dor.

Menos o aperto. Imagine você por quê.

Daqueles seiscentos de nós, menos da metade aguentou.

Ao longo da travessia, nem eu suportava mais aquela dor.

E eu, com meus oito anos de idade, fazia o meu clamor:

---

<sup>1</sup> Graduando de Letras na Universidade Federal do Pará – Campus de Breves.

NASCIMENTO, Juan. Eu te odeio maldito "cruzeiro". Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

– Ó, meu Deus, me escute por favor! Me diga que tudo que aqui vivo é só um sonho mau, um pesadelo. E dele me tire, por favor. Me mostre que toda a dor já acabou.

E um dia, após fazer mais uma vez o meu clamor, abri meus olhos e ouvi:

“Terra à vista! O tal falado Rio de Janeiro está lá!”

Era só o que eu ouvia falar: “o Rio de Janeiro”, porque nem a areia da praia de pertinho eu pude olhar.

A minha sede, a minha fome, a minha dor ...

Tudo era tão devastador!

Já no Cais do Valongo eu só conseguia me perguntar:

Será que eu sou merecedor?

Eu que já sentia minhas forças se esvaindo...

Ao sentir que, enfim, eu já estava indo...

Deixei aqui no meu último suspiro um só dizer:

“Eu te odeio maldito navio negreiro!”